

1º Concurso Ibram Estampas & Museus

Anexo VI

Museus Participantes e Itens de Referência

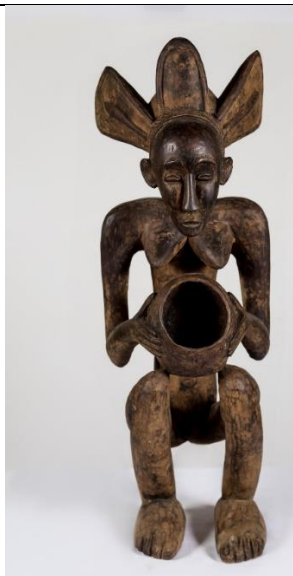
A seguir são listados os itens de referência, isto é, as peças do acervo e detalhes arquitetônicos escolhidos pelos Museus Ibram participantes para inspirarem os trabalhos a serem inscritos no 1º Concurso Ibram Estampas & Museus. As imagens dos itens de referência em alta resolução estão disponíveis no site do Ibram (www.museus.gov.br).

Para informações adicionais sobre os museus participantes, recomendamos uma visita a seus sites e à página do projeto audiovisual “Conhecendo Museus”. Os links são indicados ao longo do texto.

I - Categoria “Acervos”:

Museu da Abolição Recife – PE	A
Criado em 1957, o Museu da Abolição - Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira está localizado no sobrado que foi sede do Engenho Madalena e residência do conselheiro abolicionista João Alfredo. O museu foi oficialmente inaugurado em 1983, com a exposição “O Processo Abolicionista Através dos Textos Oficiais”. Fechado em 1990, foi reaberto em 1996, no Dia do Patrimônio Cultural. O acervo dispõe de peças do cotidiano de senhores e escravos, desde objetos ligados ao sincretismo religioso até aqueles utilizados no tráfico negreiro. Site: http://museudaabolicao.museus.gov.br/ Redes sociais: Facebook, Facebook da Ludoteca do Museu, Twitter e Instagram Acervo online no Tainacan Avalie o Museu da Abolição no TripAdvisor Acesse o Museu da Abolição no Museusbr	
A1	Máscara (facial) etnia Guro. Costa do Marfim Autor desconhecido Escultura em madeira policromada 70,4 cm x 11,5 cm Peça recebida por transferência da Receita Federal do Brasil – RFB, amparada na lei 12.840/2013. Faz parte da coleção intitulada Receita Federal, que anuncia novas perspectivas para o MAB (Museu da Abolição) e fortalece sua missão e visão institucionais,

	atendendo às demandas dos seus públicos e da sociedade pernambucana em geral. Identificada como pertencente do grupo étnico Guro. Os Guro habitam o território Baule, na Costa do Marfim, e são uma das tribos mais prolíficas na produção de arte africana. Peça com evidente potencial interpretativo sobre as particularidades e pluralidades entre o entendimento dela no continente africano e a transposição para o Brasil no processo de diáspora. https://museudaabolicao.acervos.museus.gov.br/acervo_museologico/mascara-6/?perpage=12&order=DESC&orderby=date&pos=14&source_list=collection&ref=%2Facervo_museologico%2F
A2 	Azulejos históricos (Segunda metade do século XIX) Autor desconhecido Cerâmica No trecho antes chamado de "Passagem da Madalena", onde hoje fica a rua Benfica, o casarão ladeado de azulejos tricentenários servia de referência para quem seguia pela estrada Real com destino ao interior da capitania pernambucana. E, em meio às novas residências e casarões de famílias abastadas que foram sendo erguidos no seu entorno, o Casarão da Madalena continuou sendo um prédio de destaque na paisagem do bairro, sobretudo pela sua imponência e volumetria. Em 28 de novembro de 1966, seu valor histórico foi reconhecido e o edifício tombado pela DPHAN (Diretoria do Patrimônio Histórico Nacional) como Patrimônio Nacional, e inscrito no Livro Histórico de Tombo. Considera-se a parte mais importante da casa na sua parte externa. Ela serve tradicionalmente como referência para a criação de arte de divulgação do Museu.
A3	Escultura Mboko - Etnia Luba, República Democrática do Congo Autor desconhecido Escultura em madeira sem emendas 80 cm x 29 cm Peça recebida por transferência da Receita Federal do Brasil – RFB, amparada na lei 12.840/2013, e faz parte da coleção intitulada Receita Federal, que anuncia novas perspectivas para o MAB (Museu da Abolição) fortalece sua missão e visão



institucionais, atendendo às demandas dos seus públicos e da sociedade pernambucana em geral.

Pertencente do grupo étnico Luba, originário da República Democrática do Congo, esta escultura chamada de kabila ou mboko representa uma mulher ajoelhada com um vaso no colo. Seu alto status é indicado por seu penteado elaborado e escarificação corporal. Artistas de Luba esculpam com mais frequência figuras femininas. As mulheres ocupavam uma posição forte na sociedade Lubae, desempenhavam uma variedade de papéis sociais, espirituais e políticos.

As esculturas de Kabila eram usadas em cerimônias de adivinhação e também eram associadas a mulheres grávidas e à ajuda no parto. As figuras da tigela são propriedade de chefes e adivinhos para homenagear e lembrar o papel crítico desempenhado pelo primeiro adivinho mítico, Mijibu wa Kalenga, na fundação da realeza. Geralmente essas figuras são prerrogativa dos adivinhos reais chamados 'Bilumbu' que os usavam como oráculos (Roberts e Roberts 1996: 70). Eram associadas às cerimônias sagradas e aos ancestrais e acreditava-se que tinham poder protetor e rejuvenescedor. Os adivinhos Luba contemporâneos explicam que a figura da tigela (quando feminina) representa a esposa do espírito possessor do adivinho. Junto a interpretação da peça, a visualidade que ela sugere carrega uma essência estética de olhar para dentro, para dentro da cabaça, que podemos interpretar como o continente africano. E junto a isso, entender a pluriversalidade, e isso refere ao mundo que esse acervo representa.

<https://museudaabolicao.acervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/tainacan-items/7/918/2016.196-scaled.jpg>

Museu de Arte Sacra da Boa Morte

Goiás, GO

B

O MASB (Museu de Arte Sacra da Boa Morte) tem como missão prestar serviços à sociedade através da valorização e reconhecimento do patrimônio material e imaterial sacro cristão, enfatizando as contribuições dos diversos segmentos religiosos presentes nesse processo, visando contribuir para o desenvolvimento sociocultural do país e para a promoção da dignidade humana, da universalidade do acesso e o respeito à diversidade cultural e religiosa.

Site: <https://museusibramgoias.museus.gov.br/>

[Conhecendo Museus – Museu de Arte Sacra da Boa Morte](#)

Avalie o Museu de Arte Sacra da Boa Morte no [TripAdvisor](#)

Acesse o Museu de Arte Sacra da Boa Morte no [Museusbr](#)

B1

Sacrário (século XIX)

	Autor desconhecido Marcenaria, torneado 17,35 cm x 20,48 cm Compunha o altar da antiga Igreja do Rosário, construída em 1736 pela comunidade religiosa negra da Villa Bôa de Goyaz e que foi demolida por volta de 1930. O sacrário foi guardado no convento da igreja, foi resgatado para compor o acervo do Museu da Cúria, que posteriormente viria a se tornar Museu de Arte Sacra da Boa Morte. https://museusibramgoias.acervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/tainacan-items/3387/61158/99.029.181-1735x2048.jpg
B2 	Máscara Autor desconhecido 62 cm x 57 cm Técnica em Fibra Vegetal Máscara pertencente à etnia tapirapé, formato em arco, composto de penas multicoloridas de diversas aves nas cores preto, branco, azul, vermelho e amarelo. Suporte em madeira e fibras de bambu, unidas por cordões de algodão cru trançados. Dois cordões em fios trançados, cor preto, pendentes, saindo de dois enfeites centrais. Dois orifícios quadrados no lugar dos olhos e um pedaço de madeira no lugar do nariz, encimado por enfeite de penas presas com cera. No lugar da boca, dentes de madeira roliços e pintados de branco, presos com cera. Nas duas extremidades inferiores, prolongam-se cordões pendentes, em algodão cru trançado. Ao centro inferior, pequena haste em madeira coberta com fio de algodão cru, terminado por pequena bolota de cera.
B3	Nossa Senhora do Bom Parto (século XIX) José Joaquim Veiga Vale (1806-1874) Madeira policromada (cedro). 33,5 cm x 11 cm

	Nossa Senhora do Bom Parto é uma imagem da Santa Maria que começou a ser cultuada na Europa, especialmente na França e em países ibéricos, como uma santa protetora dos partos, garantindo a proteção tanto da mãe quanto da criança recém-nascida. Interessante notar que uma das imagens mais antigas atribuídas a essa Santa é de origem francesa do século XIV e a madeira em que foi esculpida era negra. Esta imagem foi esculpida por Veiga Valle, famoso escultor do século XIX nascido em Meia Ponte (atual Pirenópolis) e radicado na Villa Boa de Goyaz, onde se consolidou como escultor em cedro. https://museusibramgoias.acervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/tainacan-items/3387/62018/20210610_122304_mfnr.jpg
---	--

Museu Casa Histórica de Alcântara Alcântara, MA.		C
A missão do Museu Casa Histórica de Alcântara é preservar, documentar e comunicar o patrimônio histórico, artístico e etnológico e paisagístico de Alcântara, no Maranhão, por meio de ações museológicas, socioeducativas, culturais e de pesquisa, voltadas para a comunidade local e visitantes, de modo a contribuir para o desenvolvimento social e cultural da cidade. Site: https://museucasahistoricadealcantara.museus.gov.br/ Redes sociais: Facebook Conhecendo Museus – Casa Histórica de Alcântara Avalie o Museu Casa Histórica de Alcântara no TripAdvisor Acesse o Museu Casa Histórica de Alcântara no Museusbr		
C1	Pedra de Lioz (século XVIII) Autor desconhecido Encontrada na capela da Ilha do Livramento, é uma das peças mais interessantes do Museu. Não se pode precisar a fundação de Alcântara, mas é certo que quando da invasão francesa, em 1612, já havia um aglomerado de aldeias com o nome significativo de Tapuitapera (terra dos	



índios) do qual ela fazia parte. Após a expulsão dos franceses, entre 1616 e 1618, Portugal redesenha a divisão administrativa da região e inicia sua ocupação efetiva. É criada a Capitania de Cumã, doada pelo primeiro governador do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, a seu irmão, Antônio Coelho de Carvalho. Tapuitapera foi escolhida como capital da nova capitania. Trinta anos depois, a localidade seria erguida ao status de vila, com o nome de Santo Antônio de Alcântara.

C2



Ruínas da Igreja da Matriz de São Matias (século XVIII)

Autor desconhecido

Alvenaria

Localizada na Praça da Matriz, sabe-se apenas que em 1869 foi nomeada uma comissão a mando do presidente da província, para concluir a obra. Resta a fachada principal, vestígios do campanário e das paredes laterais em alvenaria de pedra e cal.

Pertencente ao conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Nacional), a ruína fica em frente ao Museu e é a simbologia mais direta e autêntica do Município.

C3



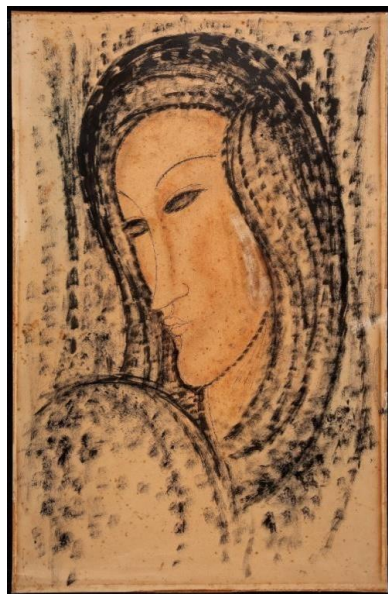
Cimeira das portas do museu (séculos XVIII-XIX)

Autor desconhecido

Alvenaria

Essa forma foi transformada no logo do Museu de Alcântara. O Museu é parte de um conjunto de três sobrados construídos no final do século XVIII e início do século XIX, no contexto do crescimento econômico de Alcântara, fruto da atividade algodoeira. O primeiro andar abrigava os domínios do trabalho. No segundo andar, ficavam os espaços íntimos dos membros da família. As senzalas conjugavam-se ao sobrado nos dois andares. No de baixo, ficavam os escravizados de fora, os que exerciam atividades na rua, no porto e no eito. No andar superior, as acomodações eram

	para os escravizados domésticos, os que mantinham contato cotidiano com o universo privado da família.
--	--

Museus Castro Maya: Museu da Chácara do Céu e Museu do Açude Rio de Janeiro - RJ		D
A missão dos Museus Castro Maya é preservar, investigar, comunicar e difundir o patrimônio museológico legado por Raymundo Ottoni de Castro Maya e suas manifestações. Site: http://museuscastromaya.com.br Acervo online no Google Arts & Culture Conhecendo Museus – Museus Castro Maya Redes sociais Museu Chácara do Céu e Museu do Açude: Facebook Avalie o Museu Chácara do Céu e Museu do Açude no TripAdvisor Acesse o Museu Chácara do Céu e Museu do Açude no Museusbr		
D1		Retrato de uma jovem viúva (1901) Amedeo Modigliani (1884-1920) Aquarela e nanquim sobre papel 55 cm x 35 cm Adquirido por Raymundo Ottoni de Castro Maya em Paris, na Galeria Katia Granoff, em 1954, a obra havia pertencido à Sra. Zlowska. Uma raríssima obra de Modigliani em acervo brasileiro. No verso possui a informação de que se trata do retrato de uma jovem viúva. Castro Maya emoldurou a obra com uma moldura de madeira entalhada, dourada, embutida em espelhos, de estilo cusquenho do século XVIII. Essa combinação apesar de improvável acabou valorizando a obra e conferindo um toque pessoal do colecionador. Até hoje é exibida no Museu da Chácara do Céu nesta moldura. https://artsandculture.google.com/asset/portrait-of-a-young-widow-amedeo-modigliani/KgGGIGDT6fQpTg?hl=pt-br

D2



Vista do Rio de Janeiro tomada do Alto da Boa Vista (1816-1817)

Nicolas Antoine Taunay (1755-1830)

Óleo sobre tela

52 cm x 64 cm

O quadro foi adquirido pelo pai de Castro Maya em Paris, em 1892, em um leilão da coleção de Etienne Arago. Posteriormente passou à coleção de Raymundo Ottoni de Castro Maya que o exibia em sua casa no Alto da Boa Vista, atual Museu do Açu.

Taunay chegou ao Brasil em 1816 na chamada Missão Artística Francesa, junto com outros artistas (incluindo Jean-Baptiste Debret) para fundar uma Academia que daria início ao ensino de arte no Brasil. Aqui pintou muitas vistas da cidade que são registros fundamentais de nossa paisagem e sociedade da época. Muitos desses quadros foram repatriados para o Brasil a partir do final do século XIX e principalmente na primeira metade do XX com o crescimento do interesse da elite por nosso passado colonial e imperial.

D3



Conjunto de 180 azulejos (Século XVII)

Autor desconhecido

Faiança esmaltada

1,42 m x 2,53 m

Importados de Portugal por Raymundo Ottoni de Castro Maya nos anos 1940 para serem incrustados nas paredes de sua casa no Alto da Boa Vista, atual Museu do Açu.

Segundo Dora Alcântara, no livro "Azulejos na cultura luso-brasileira", a imagem baseia-se na gravura de Gérard Audran II, "A pintura pintando um emblema a Luiz XIV", sendo uma das sete pinturas representando as artes, destinadas à decoração do teto do Gabinete de Charles Perrault (autor de histórias infantis).

Uma curiosidade é a de que os azulejos chegavam ao Brasil com números colados, visando a montagem. Castro Maya reclamou do sistema: "os papezinhos descolam e é um

	verdadeiro quebra-cabeças para arrumá-los depois”.
--	--

Museu Imperial Petrópolis – RJ		E
A missão do Museu Imperial é preservar, pesquisar e comunicar a memória nacional relativa ao período imperial, através da promoção e difusão do patrimônio cultural sob sua guarda, desenvolvendo ações que visem a democratização do acesso à cultura, o aprimoramento do conhecimento da história do Brasil e o estímulo à reflexão sobre o legado cultural brasileiro. Site: http://museuimperial.museus.gov.br/ Redes sociais: Facebook, Instagram e Twitter Conhecendo Museus – Museu Imperial Acervo online no Google Arts & Culture Avalie o Museu Imperial no TripAdvisor Acesse o Museu Imperial no Museusbr		
E1	 Coroa imperial de D. Pedro II (1841) Carlos Marin Ouro cinzelado, 639 brilhantes, 77 pérolas. Considerada a joia mais importante da ourivesaria nacional, foi elaborada para a Coroação do segundo imperador brasileiro em 18 de julho de 1841. A coroa foi concluída no dia 8 de julho de 1841 e permaneceu exposta ao público até a cerimônia da coroação. Para sua confecção, foram desmanchadas várias joias da família, conforme registros dos inventários do Arquivo da Mordomia. O conjunto também recebeu os brilhantes da coroa imperial de D. Pedro I e um fio de pérolas que D. Pedro II herdou do pai. http://dami.museuimperial.museus.gov.br/bitstream/handle/acervo/10308/RG-3904%5bimg1%5d.jpg?sequence=14&isAllowed=y	
E2	Cetro imperial (1822) Manuel Inácio de Loyola, sob orientação de Inácio Luiz da Costa	



Ouro cinzelado e brilhantes.

Peça elaborada para sagração da coroação de D. Pedro I como Imperador do Brasil, cerimônias ocorridas na Capela Imperial no Rio de Janeiro, em 1º de dezembro de 1822. O capitel tem forma de campana invertida, composta de folhagens estilizadas. Sobre o ábaco está assentado um dragão, de asas espalmadas, e cauda virada para cima, a boca aberta; a língua farpada, móvel, e os olhos na forma de dois brilhantes que foram colocados na ocasião da coroação de D. Pedro II.

O cetro é uma insígnia da realeza e simboliza uma espécie de bastão de comando. A peça foi usada pelo segundo imperador do Brasil, D. Pedro II. A haste é oca, sendo o capitel e o dragão maciços.

<http://dami.museuimperial.museus.gov.br/bitstream/handle/acervo/10238/RG-3905%5bimg1%5d.jpg.jpg?sequence=20&isAllowed=y>

E3

Dom Pedro II na abertura da Assembleia Geral (1872)

Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905)

Óleo sobre tela

288 cm x 205 cm

A pintura retrata a cerimônia realizada no Senado do Império, em 3 de maio de 1872. O quadro também é conhecido como “Fala do Trono”, pois era a cerimônia de abertura dos trabalhos do Parlamento do Império, anualmente realizada no



dia 3 de maio. O trabalho foi uma encomenda do Senado do Império ao artista.

A Fala do Trono era a única ocasião em que o imperador era visto portando a coroa, o cetro e os trajes majestáticos.

<http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/10142>

Museu Lasar Segall

São Paulo - SP

F

Sediado na residência e ateliê que pertenceu a Lasar Segall, o museu expõe obras do artista plástico e atua também como centro de atividades culturais, com visitas monitoradas, cursos nas áreas de literatura, gravura e fotografia, exposições e projeção de filmes.

O museu abriga, ainda, uma ampla biblioteca especializada em artes do espetáculo (Cinema, Teatro, Rádio e Televisão, Dança, Ópera e Circo) e Fotografia.

Site: <http://www.mls.gov.br/>

Redes sociais: [Facebook](#) e [Instagram](#)

Acervo online no [Google Arts & Culture](#)

[Conhecendo Museus – Museu Lasar Segall](#)

Avalie o Museu Lasar Segall no [TripAdvisor](#)

Acesse o Museu Lasar Segall no [Museusbr](#)

F1

Menino com lagartixas (1924)

Lasar Segall, (1889-1957)

Óleo sobre tela

61 cm x 98 cm

Menino com lagartixas é uma das pinturas da “fase brasileira” de Segall. A denominação, dada pelo crítico Mário de Andrade, refere-se às primeiras produções do artista em nossas terras. Emergente



do Expressionismo, Segall deixa temporariamente de lado as tonalidades baixas – ocre, cinza e preto – do período europeu e adota “uma palheta nova de cores claras e cômodas”, no dizer de Mário de Andrade. Todas as tonalidades do verde cobrem as folhas do bananal, ao fundo, cuja exuberância é domesticada pela presença reiterada das linhas retas. No primeiro plano, a imagem exótica que seduz o pintor e dá título à obra. Essa fase revela o impacto que a luz tropical, a vegetação e os tipos humanos nacionais exercem sobre sua obra criada no Brasil.

https://artsandculture.google.com/asset/menino-com-lagartixas-lasar-segall/IAEC6kbwDCYW_A

F2



Navio de Emigrantes (1939-1941)

Lasar Segall (1889-1957)

Óleo com areia sobre tela

230 cm x 275 cm

Os diversos deslocamentos de Segall entre o Velho e o Novo Mundo, cruzando o Atlântico, produziram instantâneos de viagem, retratos de diferentes tipos humanos, o cotidiano dos marinheiros, detalhes das embarcações e principalmente a experiência da imensidão do mar em confronto com a fragilidade do destino humano. Seus apontamentos deram origem, no final dos anos 1920, às gravuras da série *Emigrantes* e, durante a Segunda Guerra Mundial, à tela *Navio de emigrantes*.

A biografia de Segall, que percorreu enormes distâncias geográficas, culturais e afetivas, para se tornar um artista brasileiro, cruza-se com a dos emigrantes homenageados nesta tela, grandiosa alegoria da emigração e um testemunho veemente da história do século XX, na qual a questão da emigração tem papel de destaque, envolvendo vários povos.

<https://artsandculture.google.com/exhibit/navio-de-emigrantes-museusegall/EwJCRukqstz4IQ?hl=pt-BR>

F3**Paisagem Brasileira (1925)**

Lasar Segall (1889-1957)

Óleo sobre tela

54 cm x 64 cm

A vinda para o Brasil, no final de 1923, repercute intensamente na produção de Segall. Ao trocar o clima opressivo da vida alemã pela amplidão dos espaços brasileiros, uma revolução se processa em sua alma e em sua pintura. Mais tarde ele iria declarar que foi em terras brasileiras que teve a revelação do 'milagre da cor e da luz'. Seus motivos passam a ser: a paisagem do Rio de Janeiro, os morros com as favelas, a vegetação luxuriante das fazendas do interior paulista, principalmente os extensos bananais, e os tipos de mulheres e homens negros. O artista disciplina a emoção do encontro com a natureza tropical fazendo uso de uma composição controlada pelas formas geométricas. Esta tela mostra ainda que pintores modernistas, como Tarsila do Amaral, influenciaram na mudança de rumo da pintura de Segall.

<https://artsandculture.google.com/asset/paisagem-brasileira-lasar-segall/DgHzO5Rdf2fMSQ>

Museu Villa-Lobos

Rio de Janeiro - RJ

G

Instalado em um casarão tombado do século XIX, o Museu Villa-Lobos reúne objetos e documentos referentes à vida e à obra do compositor e maestro Heitor Villa-Lobos. O acervo tem mais de 53 mil itens, entre partituras (manuscritas e impressas), correspondências, recortes de jornais, discos, filmes, livros, condecorações, instrumentos musicais e objetos de uso pessoal. Vale lembrar, que Villa-Lobos foi um dos personagens da Semana de Arte Moderna, que completa 100 anos de sua realização em 2022.

Site: <https://museuvillalobos.museus.gov.br/>

Acervo online: [Tainacan](#)

Redes sociais: [Facebook](#), [Instagram](#), [Twitter](#) e [Facebook do Setor Educativo](#)

[Conhecendo Museus – Museu Villa-Lobos](#)

Avalie o Museu Villa-Lobos no [TripAdvisor](#)

Acesse o Museu Villa-Lobos no [Museusbr](#)

G1**Amazonas (1917)**

Heitor Villa-Lobos (1887-1959)



Partitura Manuscrita

Amazonas é um poema sinfônico, também denominado pelo autor como bailado indígena brasileiro. A estrutura sinfônica - rítmica e temática - da obra é de inspiração amazônica. O trabalho orquestral é marcado pela originalidade e combinação dos timbres, sobretudo pelo emprego de instrumentos de raro uso sinfônico como violino fone, os instrumentos indígenas e a antiga viola do amor.

G2



Violoncelo e Arco (1779)

Martin Diehl (1741-1793)

Marcenaria

As informações sobre este violoncelo encontram-se dispersas na extensa biografia do compositor. O assunto foi investigado pelo violoncelista e professor Hugo Pilger (2012). Villa-Lobos pode ter adquirido o violoncelo em Paris, apesar de o instrumento ser proveniente da Alemanha. De acordo com sua etiqueta, o autor é Martin Diehl e o ano de construção, 1779. Provavelmente, o luthier Martin Diehl construiu esse violoncelo em Mainz, pois trabalhou naquela cidade entre 1770 e 1795.

Sobre o arco do violoncelo, é provável que seja um Leclerc. A leitura da assinatura na lateral do arco está comprometida porque, além de minúscula, está gravada em uma região que sofre desgaste natural pelo uso (PILGER, 2012).

Se este não é o instrumento da juventude de Villa-Lobos, possivelmente foi comprado por volta de 1929, ano em que o compositor enviou uma carta a Arnaldo Guinle pedindo, entre outras coisas, dinheiro para comprar um violoncelo (PEPPERCORN, 2000).

II. Categoria “Efemérides”:

Museu Histórico Nacional - 100 anos do MHN Rio de Janeiro - RJ	H
O Museu Histórico Nacional mantém, em 9.000m² de área aberta ao público, galerias de exposições de longa duração e temporárias, além da Biblioteca especializada em História do Brasil, História da Arte, Museologia e Moda, do Arquivo Histórico, com importantes documentos manuscritos, aquarelas, ilustrações e fotografias, entre as quais exemplares de Juan Gutierrez, Augusto Malta e Marc Ferrez. Mantém, ainda, programas voltados para estudantes, professores, terceira idade e comunidades carentes. As áreas de Reserva Técnica, Laboratório de Conservação e Restauração Numismática podem ser consultadas, mediante agendamento prévio. Site: http://mhn.museus.gov.br/ Acervo online no Google Arts & Culture Conhecendo Museus – Museu Histórico Nacional Redes sociais Museu Histórico Nacional: Facebook e Instagram Avalie o Museu Histórico Nacional no TripAdvisor Acesse o Museu Histórico Nacional no Museusbr	
H1 	Moeda “O Índio” (1499) Autor desconhecido Cunhagem em prata. “O Índio” é o único exemplar conhecido no mundo, até o presente momento. Foi mandada lavar por D. Manuel I em 1499 para comemorar, provavelmente, a descoberta do Caminho Marítimo para a Índia por Vasco da Gama, em 1498. Trata-se de moeda portuguesa cunhada em 1499, no reinado de D. Manuel I (1491 - 1521), denominada “O Índio”. Trata-se de uma raridade numismática por ser uma das únicas peças existentes no mundo. Destinava-se à circulação nos mercados orientais. Não teve aceitação devido ao seu baixo peso e a emissão foi suspensa. https://artsandculture.google.com/asset/moeda-o-%C3%8Dndio/SgEcUt7nZBDwLQ
H2	Ex-voto da Batalha dos Guararapes (1758)



Autor desconhecido

Óleo sobre tela

151 cm x 245 cm

Produzida em Pernambuco por autor não identificado, e doada ao MHN (Museu Histórico Nacional), a pintura tem a seguinte descrição: Pintura religiosa retratando cena da Batalha dos Guararapes. Em primeiro plano, no canto inferior direito, anjinho apoiando moldura barroca com a mão direita e apontando para as inscrições, em tinta branca com fundo escuro, com a mão esquerda. No canto superior esquerdo, imagem de Nossa Senhora com Menino Jesus observando a batalha.

A Batalha dos Guararapes foi travada em dois confrontos entre o exército da Holanda e os defensores do Império Português no Morro dos Guararapes, atual município de Jaboatão dos Guararapes, situado na Região Metropolitana do Recife, em Pernambuco. O primeiro confronto foi em 18 e 19 de abril de 1648 e o segundo e decisivo, em 19 de fevereiro de 1649. É o marco do término da presença holandesa no Brasil, no século XVII.

<http://mhn.acervos.museus.gov.br/reserva-tecnica/pintura-religiosa-ex-voto/>

H3



Combate Naval do Riachuelo (1882/1883)

Victor Meirelles (1832-1903)

Óleo sobre tela.

400 cm x 800 cm

A pintura, classificada como histórica, foi transferida do Museu Nacional de Belas Artes para o MHN (Museu Histórico Nacional). Esta peça foi restaurada no Laboratório de Restauração do próprio museu. Pintada por Victor Meirelles, especialista em pintura histórica, a tela é uma das mais representativas do Brasil em termos de retratos da Guerra da Tríplice Aliança.

A tela Combate Naval do Riachuelo, de Victor Meirelles, 1872, é uma das maiores obras do Museu Histórico Nacional, medindo 420 x 820 cm. Ela retrata o Combate Naval do Riachuelo,

	considerado pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas da Guerra da Tríplice Aliança, também conhecida como Guerra do Paraguai (1864-1870). A tela é famosa por representar o referido combate em livros didáticos de história e em referências sobre o tema em repositórios como Wikipedia. http://mhn.acervos.museus.gov.br/reserva-tecnica/pintura-historica-25/
--	--

Museu Nacional de Belas Artes - 85 anos do MNBA Rio de Janeiro - RJ	
Criado oficialmente em 1937 por Decreto do presidente Getúlio Vargas, o Museu Nacional de Belas Artes hoje é a instituição que possui a maior e mais importante coleção de arte brasileira do século XIX, concentrando um acervo de cem mil itens entre pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, objetos, documentos e livros. A bicentenária Coleção do Museu Nacional de Belas Artes se originou de três conjuntos de obras distintos: as pinturas trazidas por Joaquim Lebreton, chefe da Missão Artística Francesa, que chegou ao Rio de Janeiro, em 1816; os trabalhos pertencentes ou aqui produzidos pelos membros da Missão, entre os quais se destacam Nicolas-Antoine Taunay, Jean-Batiste Debret, Grandjean de Montigny, Charles Pradier e os irmãos Ferrez; e as peças da Coleção D. João VI, deixadas por este no Brasil, ao retornar a Portugal, em 1821. Site: http://mnba.museus.gov.br/ Acervo online no Google Arts & Culture Conhecendo Museus – Museu Nacional de Belas Artes Redes sociais Museu Nacional de Belas Artes: Facebook e Instagram Avalie o Museu Nacional de Belas Artes no TripAdvisor Acesse o Museu Nacional de Belas Artes no Museusbr	
11	Primeira Missa no Brasil (1860) Victor Meirelles (1832-1903) Óleo sobre tela 270 cm x 357 cm Em 1852, Victor Meirelles conquistou o 7º Prêmio de Viagem à Europa da Academia Imperial de Belas Artes. Prorrogou o período da viagem por duas vezes. Em 1858, ao fim da segunda prorrogação, ele solicita e obtém mais dois anos para fazer uma grande



composição original, para a qual ele elege, após muito estudo e reflexão, o tema da primeira missa em terras brasileiras. Ainda em 1858 ele prepara o esboço e o envia à Academia.

A pintura Primeira Missa no Brasil foi executada em Paris entre os anos de 1859 a 1861. Victor Meirelles teve, desde a escolha do tema, a orientação de Manoel Araújo Porto Alegre, diretor da Academia Imperial de Belas Artes, entre os anos de 1854 a 1857, e principal entusiasta do seu talento artístico. Em cartas, ele elogia a construção da cena no altar, lembra a colocação de um homem d'armas com o pendão da Ordem de Cristo e aconselha a escolha de embaíbas para a composição do bosque. Sobretudo, ele insiste para que o pintor leia Caminha "cinco vezes" para se inspirar, chegando até a colocar a sugestão em forma de poema:

"Lê Caminha, ó artista marcha à glória
Já que o Céu te chamou Victor na Terra
Lê Caminha e então caminha".

https://artsandculture.google.com/asset/primeira-missa-no-brasil-v%C3%ADtor-meireles/IQFUWbm_Wu1XaA?hl=pt-BR

12



Retrato do intrépido marinheiro Simão, carvoeiro do vapor Pernambucana (c. 1853)

José Correia de Lima (1814 – 1857)

Óleo sobre tela

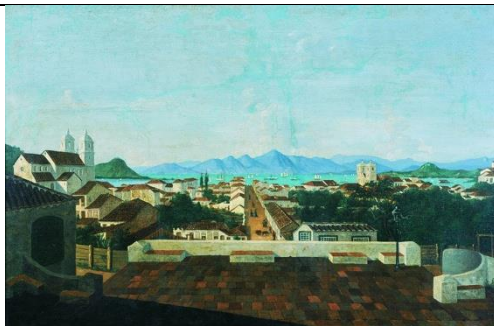
93 cm x 72,6 cm.

Em A Arte Brasileira, em 25 quadros: 1790 - 1930, Rafael Cardoso, escreve "Simão era famoso, um herói cujos feitos haviam ocupado as páginas dos principais jornais da Corte, reiteradas vezes, no ano de 1853." Foi responsável por salvar 13 pessoas no naufrágio, na costa catarinense, do vapor Pernambucano, incluindo um cego e um militar sem uma das pernas. Segundo consta, foi exposto postumamente ao seu pintor, na Exposição Geral de Belas Artes, da Academia Imperial, em 1859, 1879 e 1884. O autor,

	integrante da primeira turma, de 1826, da Academia – da qual tornou-se posteriormente professor, foi aluno de Jean-Baptiste Debret, em pintura histórica. Na Enciclopédia Itaú Cultural, encontramos: “A importância dessa obra, segundo o historiador da arte Luciano Migliaccio, está em apresentar “o primeiro retrato heroico de um afro-brasileiro”. Seja historicamente, seja tematicamente, seja pela atualidade das discussões sobre justiça memorial, o quadro proposto para essa primeira edição do Concurso de Estampas, favorece a figuração de um tipo humano, física e moralmente captado pelo pintor, segurando a corda náutica que prende o retratado ao contexto naval, ao trabalho, às diferenças e, sobretudo, a solidariedade que não conhece ou reconhece diferenças, apenas a urgência da ação na preservação de vidas. https://artsandculture.google.com/asset/retrato-do-intr%C3%A9pido-marinheiro-sim%C3%A3o-carvoeiro-do-vapor-pernambucana-jos%C3%A9-correia-de-lima/zgH-IM4NIEf8Hg?hl=pt-BR
13 	Entrada da baía e da cidade do Rio, a partir do terraço do convento de Santo Antônio em 1816 (1816) Nicolas Antoine Taunay (1755-1830) Óleo sobre tela 45 cm x 56,5 cm Do terraço do convento de Santo Antônio, no morro do mesmo nome, ponto privilegiado para observação, o olhar dos frades franciscanos é auxiliado pela luneta, a permitir mais próxima apreciação do vasto panorama do Rio de Janeiro no início do Brasil. Passados 200 anos, daquele ponto de vista hoje veem-se os altos edifícios do centro da cidade, ocultando agora a baía, nas proximidades do Museu. Taunay, importante artista francês do círculo napoleônico, ao lado de Jacques-Louis David

	e de Jean-Baptiste Debret, professor de pintura de paisagem da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (futura Academia Imperial de Belas Artes), no ano de sua chegada ao Brasil. Ele se fixa no país até 1821, e faz o registro histórico de parte da então capital do império português, em sua paisagem cultural, natureza e ocupação humana. Comprada em 1909 pela Escola Nacional de Belas Artes - sucessora da Escola de Artes e Ofícios / Academia Imperial de Belas Artes e antecessora do Museu Nacional de Belas Artes, esta obra tem participado de diversas exposições, citando-se a da Bienal de São Paulo (2000) e em Bruxelas – Bélgica (2011/2012), a par de ser referida em diversas publicações. https://artsandculture.google.com/asset/entrance-to-the-bay-and-the-city-of-rio-from-st-anthony%C2%B4s-convent-terrace-in-1816/zgEFISsnlpRltg?hl=pt-BR&avm=2
--	--

Museu Victor Meirelles - 70 anos do MVM Florianópolis – SC		J
A casa natal do pintor Victor Meirelles – um típico sobrado luso-brasileiro construído entre o final do século XVIII e o início do XIX – sedia o museu que leva o nome do pintor. O imóvel tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional preserva a memória do catarinense, um dos mais importantes artistas brasileiros do século XIX. Site: http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/ Acervo online: Tainacan Redes sociais: Facebook e Instagram Conhecendo Museus – Museu Victor Meirelles Avalie o Museu Victor Meirelles no TripAdvisor Acesse o Museu Victor Meirelles no Museusbr		
J1	Vista parcial da cidade de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis (c. 1851) Victor Meirelles (1832-1903) Óleo sobre tela Victor Meirelles nasceu em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, em 18 de agosto de 1832. Pintor, desenhista e professor, começou sua	



trajetória precocemente, realizando paisagens da cidade. A tela mostra como era, na época, a baía sul da ilha. A obra em questão é uma das mais icônicas presentes no acervo do Museu, pelo fato de ser um retrato fiel de Florianópolis quando ainda se chamava Nossa Senhora do Desterro, cidade natal do artista. O Setor Educativo promove diversas atividades tendo a tela como base, a exemplo da mediação "Caminhando Sobre a Desterro de Hoje", que leva os participantes a percorrerem a região histórica central de Florianópolis, para depois estabelecerem as relações entre o percurso e as obras de Victor Meirelles.

https://museuvictormeirelles.acervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/05/MVM-0042_a.jpg

J2



Estudo de Traje (c. 1854/1856)

Victor Meirelles (1832-1903)

Aquarela sobre papel

29 cm x 19,5 cm

Este estudo de traje foi realizado durante o primeiro período de pensionato de Victor Meirelles na Itália (1853/1856). O retrato era muito utilizado nas academias e escolas de arte para aprendizado e domínio de técnica. No caso da série Estudos de Trajes Italianos, destacam-se os trajes, as texturas e as cores do tecido, além da postura do modelo vivo. Em todos eles, percebe-se que Victor procurou retratar o caimento dos tecidos e as diferentes poses e acessórios dos personagens. Estes retratos, cuja temática e a maneira de desenhar e pintar não estão inseridas na tradição neoclássica, estão relacionados a uma vertente específica da pintura italiana, sobretudo dos Nazarenos.

A obra integra uma série de estudos de traje feita por Victor Meirelles. Por revelarem tendências da moda europeia no século XIX, as telas são objeto de inúmeros trabalhos acadêmicos e publicações.

<https://museuvictormeirelles.acervos.museus.gov.br/mv-m-acervo/estudo-de-traje-30/>

J3

Batalha dos Guararapes (c. de 1874/1878)

Victor Meirelles (1832-1903)

Óleo sobre tela



54 cm x 100 cm

A vinda da Missão Francesa para o Brasil, em 1816, inaugura um projeto cultural de criação de uma “ideia de Império”, com a promoção e a difusão de valores e comportamentos condizentes com a “boa sociedade”, de modo a despertar uma imagem da “realidade nacional” no sentido de diferenciá-la da imagem da velha elite colonial, ainda muito presa a seus costumes tradicionais. A princípio, dedica-se a retratar a dinâmica social típica do Rio de Janeiro, para depois voltar-se à criação de alegorias associando a singularidade tropical do país à grandeza da nova nação, refletida na recém-fundada casa imperial. Um terceiro momento da produção do artista tem como marco a década de 1870, quando D. Pedro II deixa de ser a figura central e um novo padrão iconográfico entra em cena: as batalhas que se tornariam uma nova fonte de imagens evocativas do Brasil.

Dentre as obras emblemáticas do imaginário desse terceiro momento, destacamos a Batalha dos Guararapes (1875-1879), na qual Victor Meirelles trabalhou durante seis anos, deslocando-se para Pernambuco, a fim de realizar pesquisas históricas e observar minuciosamente o local onde os holandeses foram derrotados, em 1649, buscando conhecer os elementos que aproximassem o quadro da realidade dos fatos. O esboço para a Batalha dos Guararapes é um dos 768 estudos que compõem o processo de realização da obra Batalha dos Guararapes. Os esboços faziam parte do fazer artístico oitocentista. Dado o processo minucioso de fazer uma obra, o artista ia construindo-a em partes - até chegar à composição que o agradasse. Essa se tornava a obra em sua versão final.

<https://museuvictormeirelles.acervos.museus.gov.br/mv-m-acervo/esboceto-para-batalha-dos-guararapes-2/>